

# De volta à casa

— NATÂNIA LOPES —

intransitiva  
• revista

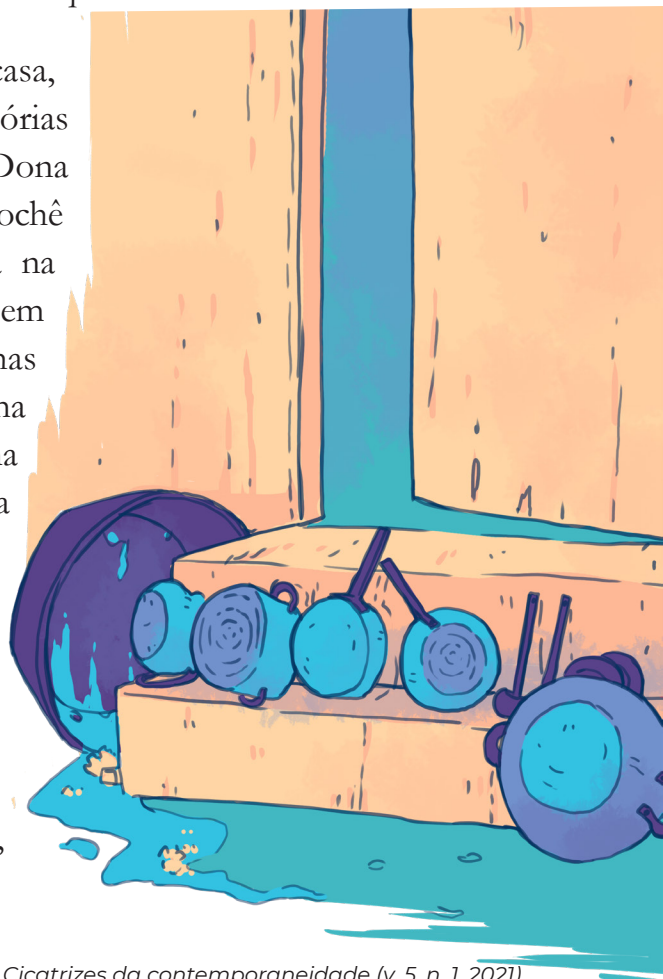
CICATRIZES DA CONTEMPORANEIDADE (V. 5, N. 1, 2021)

# De volta à casa

Natânia Lopes

Esta louca vontade de criar coisas lindas não se satisfaz, porque a beleza é esquiva. Você acha que apanhou e, quando olha, não era nada, ou era muito pouco... Bento dorme do meu lado e eu preciso falar dele para dar passagem às palavras. Adélia Prado disse assim: meu Deus, me ajuda a parir esta ninhada de vozes, senão este conluio de sombras me sequestra. Tentei ler seu livro, mas o escuro não deixa. Olhei para cima, meditando sobre este problema incontornável que é o quarto escuro e a criança dormindo. No canto esquerdo da borda do meu teto tem um capeta de estimação. E eu ando nesta histeria universal, mas é doce. A pandemia é ruim, a quarentena não, disse minha irmã, e eu concordo. Mas me projeto pra frente e pra trás, no tempo — o balanço dos ansiosos. Quando eu estava lá fora, vivia no futuro. E mesmo agora não consigo me entregar a abraçar meu filho. Minha cabeça fica no que fazer.

Contida livremente neste mundo-casa, tenho sido assaltada por memórias vivíssimas... Vi todinha a casa da Dona Valda, as bonecas de vestidinho de crochê combinando com o chapéu. Pensa na infinidade de coisas que devia ter em torno deste hobby de fazer roupinhas pras bonecas! Dona Valda... uma senhora da roça, com lenço na cabeça... Será que Seu João dizia “Ê-ê, essa vermelha ficou bonital! Essa azul!” ou será que nem notava? Lembrei do chão alto da cozinha dela e das louças lavadas na bacia com sabão de banha, postas pra secar emborcadas nos degraus. Aquele cheiro de limpeza genuína, que vem de panela areada...



Vi o galo do vento enferrujado que me fazia imaginar Portugal sem saber que era de Portugal esta moda de galo e guirlandas... Vi o quartinho de grãos com o fogão a lenha, cercado de urtigas. Vi o caminho do lá-vai-um da casinha de sapê sob a mangueira gigantesca (tamanho de baobá) até a piscina. Vi um laranjal e uma menina que tinha uma gata que caçava passarinhos pra ela. Mais tarde tive uma gata assim também, que trazia passarinho pra eu comer, mas já foi há muito tempo...

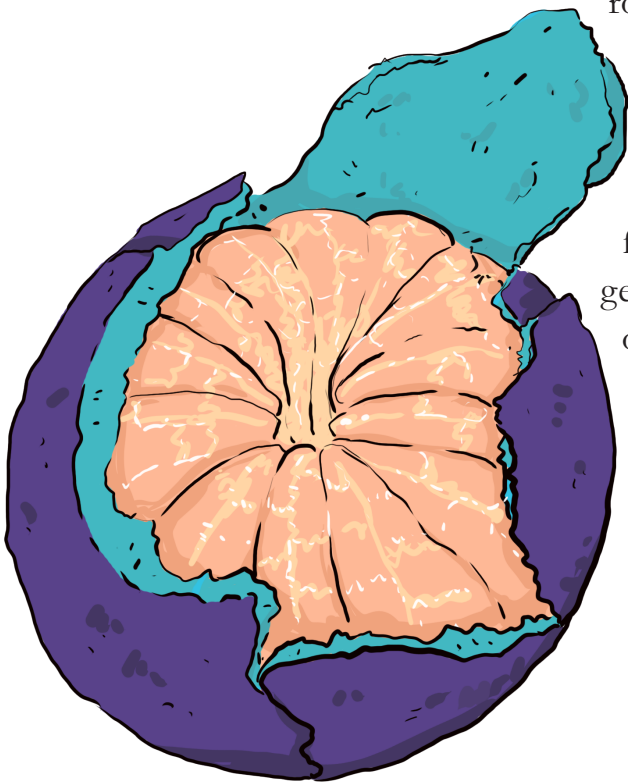
Uma vez ia andando com minha mãe de mãos dadas por uma ruela íntima do bairro. Tinha lá meus cinco anos. Passavam dois guris carregando um gatinho nas mãos. Um deles tinha um pedaço de pau. Mirou a cabeça do gato. Minha mãe berrou com aquela autoridade de professora: “Ei, garoto! Nããã!”. Mas obedecer a professores não é pra qualquer garoto. E certamente não era para aqueles. Sujos, pobres, os pés no chão, abandonados por tanta gente... Vinha passando um ônibus. Um dos moleques gritou para o outro, espirituoso, telepático: “Agora!”. O que tinha o gato o lançou sob as rodas pesadas que vinham ligeiras, deslocando o ar. Meus cabelos voaram. Minha mãe prendeu a respiração. O ônibus pareceu tão grande... e o gatinho era tão pequeno, assim como eu. Despedeci-me porque minha mãe era impotente pra conter mesmo a maldade pueril.

A barriga do gato ficou colada no asfalto, enquanto ele gritava chamando pela mãe. Eu quis socorrê-lo, mas minha mãe me conteve segurando o meu braço. Olhei com ódio porque ela segurou o braço da criança errada. Disse-me que não dava mais pra salvar o gatinho. Um velho levantou-se de uma mesa de bar, arrastou com a bengala o filhote pro canto do meio-fio. Ele miava alto. Todos os filhotes berraram num coro universal de dor e solidão. Já passei por tanta coisa e como pode ser essa a minha memória mais doída? Como pode um gatinho e uns meninos desconhecidos me atropelarem como um ônibus?

Quando meu filho nasceu, precisou ficar internado por causa de uma icterícia. A orientação dentro de uma Unidade Intensiva neonatal é: lavar as mãos e passar álcool a cada vez que se entra ou sai da sala; não tocar nas ilhas dos outros bebês; se uma coisa cai no chão, você a põe num saco e lacra, e o objeto, dependendo do que for, ou vai para o lixo ou para a desinfecção. Alguns dias lá dentro, sob a constante luz branca e choro dos bebês, eu comecei a desenvolver algumas paranoias, retroalimentadas por um senso de contaminação aguçadíssimo. Minha sensibilidade foi sendo retrabalhada de uma maneira estranha.

Havia um bebê que recebia visitas esporádicas da mãe, porque a garota tinha outros filhos, trabalho etc. Um dia ele chorava muito. E eu me debrucei na maca para falar com o bebê. A enfermeira veio correndo: — Vá agora lavar suas mãos e trocar a sua roupa. Esta criança tem uma superbactéria. Você não vai querer passar isso pro seu filho, nem piorar mais o estado desse aí com os teus germes. A incubadora do Bento ficava a dois metros. Comecei a pensar se a maca estava suja, se o chão era sujo, como a incubadora do meu filho poderia estar segura? E a cadeira onde eu me sentava? Imaginava as bactérias subindo pelo pé da cadeira como formigas, grãos de poeira da minha saia carregando doença pelo ar... Bento ficou bem. Eu ganhei o hábito de passar álcool em tudo. E me sentia tão louca por isso até o mundo virar uma grande UI neonatal.

No sítio da tia Loza tinha um lago e do outro lado do lago tinha um roseiral que parecia sonho; por detrás, uma varanda com colunas em forma de arcos. Eu comia mexerica com meu pai, aproveitando a mineirice de dizer “mexerica” enquanto olhava aquela cena. Estávamos sentados num banco feito de madeira. Veja bem: feito! E de madeira. A gente puxava a casca solta da fruta com os dedos, os gomos soltos no meio daquela bola cítrica. Espirravam gotinhas. E a gente ia cuspidando as sementes na terra. Não tem nada mais abençoado do que cuspir semente na terra.



## Sobre a autora

Natânia Lopes é doutora em Ciências Sociais, com foco em Antropologia. Formou-se pelo PPCIS, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Fez mestrado na mesma área e na mesma instituição. Graduiu-se bacharel em Ciências Sociais e licenciou-se em Ciências Sociais também pela UERJ. Trabalhou como professora de Sociologia do Ensino Básico em escolas públicas da rede estadual e federal. Atuou como pesquisadora ao longo de toda sua formação. Atualmente trabalha como pesquisadora nos temas: narrativas, violência urbana, cinema, prostituição, gênero e sexualidade.